


O AUTORRETRATO NO CONSTRUCTO DA (AUTO)REFLEXÃO NAS AULAS DE ARTE
SELF-PORTRAIT IN THE CONSTRUCTION OF (SELF)REFLECTION IN ART CLASSES
EL AUTORRETRATO EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA (AUTORREFLEXIÓN) EN LAS CLASES DE ARTE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-116>

Data de submissão: 11/07/2025

Data de publicação: 11/08/2025

Rafaele Ferreira da Silva

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

E-mail: Rafaelleferreira05@gmail.com

Maria Aline Matias de Brito

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

E-mail: aline.matias@aluno.uece.br

Ana Cristina de Moraes

Pós-Doutorado em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

E-mail: cris.moraes@uece.br

RESUMO

Frida Kahlo certa vez disse: “eu sou minha única musa, o assunto que conheço melhor”. A pintora entrou para a história da arte ao expressar aspectos de sua vida e seus sentimentos, tecendo sua autobiografia por meio das artes visuais. É sobre estas, também, e suas potencialidades (auto) formativas, que estão assentadas as reflexões construídas neste estudo. Buscou-se, assim, investigar o processo artístico nas aulas de arte, por meio de autorretratos, com estudantes do 6º e 7º anos de uma escola municipal de Fortaleza-Ceará. A pesquisa é de cunho qualitativo e participativo, para a qual foi realizada uma coleta de dados por meio de atividades pedagógicas que ocorreram no final de um processo artístico. Como resultados, por meio da análise das atividades propostas, percebeu-se que os estudantes se envolveram com a prática artística, pois apreciaram os autorretratos de artistas apresentados, conheceram os seus contextos históricos, e também tiveram a oportunidade de experimentar o fazer artístico. Além disso, os discentes puderam refletir e expressar as percepções de si mesmos. Desse modo, a investigação poderá contribuir também para a pesquisa em Arte, e para outros arte-educadores, proporcionando assim uma prática significativa no ambiente escolar.

Palavras-chave: Arte-Educação. Autorretrato. Ensino de Arte Visual. Processo Criativo.

ABSTRACT

Frida Kahlo once said, "I am my only muse, the subject I know best." The painter entered art history by expressing aspects of her life and feelings, weaving her autobiography through the visual arts. The reflections of this study are also based on these, and their (self-)formative potential. Thus, we sought to investigate the artistic process in art classes, through self-portraits, with 6th and 7th grade students at a municipal school in Fortaleza, Ceará. The research is qualitative and participatory, with data

collection conducted through pedagogical activities that occurred at the end of an artistic process. As a result, through analysis of the proposed activities, it was observed that the students engaged with the artistic practice, as they appreciated the self-portraits of artists presented, learned about their historical contexts, and also had the opportunity to experience artistic creation. Furthermore, students were able to reflect and express their own perceptions. Thus, the research can also contribute to art research and to other art educators, thus providing meaningful practice in the school environment.

Keywords: Art Education. Self-portrait. Visual Art Education. Creative Process.

RESUMEN

Frida Kahlo dijo: «Soy mi única musa, la materia que mejor conozco». La pintora incursionó en la historia del arte expresando aspectos de su vida y sentimientos, tejiendo su autobiografía a través de las artes visuales. Las reflexiones de este estudio también se basan en estas y en su potencial (auto)formativo. Por lo tanto, buscamos investigar el proceso artístico en clases de arte, a través de autorretratos, con estudiantes de 6.º y 7.º grado de una escuela municipal de Fortaleza, Ceará. La investigación es cualitativa y participativa, con la recopilación de datos realizada mediante actividades pedagógicas al final de un proceso artístico. Como resultado, mediante el análisis de las actividades propuestas, se observó que los estudiantes se involucraron con la práctica artística, ya que apreciaron los autorretratos de los artistas presentados, aprendieron sobre sus contextos históricos y tuvieron la oportunidad de experimentar la creación artística. Además, los estudiantes pudieron reflexionar y expresar sus propias percepciones. Por lo tanto, la investigación también puede contribuir a la investigación artística y a otros educadores de arte, proporcionando así una práctica significativa en el entorno escolar.

Palabras clave: Educación Artística. Autorretrato. Educación en Artes Visuales. Proceso Creativo.

1 INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a história da arte, é possível compreender que esta se confunde com a própria história da humanidade. Desde o período Paleolítico, o homem tem a necessidade de retratar as suas experiências, se projetar, mostrar as suas crenças e habilidades, em um ato de sobrevivência. Ou seja, antes da criação da escrita propriamente dita, havia o traço, o desenho, o movimento e a imitação de cenas do cotidiano.

No que se refere à história da Arte no âmbito da Educação brasileira, sabe-se que esta constitui, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96, disciplina obrigatória nas escolas. Sua estrutura curricular organiza-se em cinco unidades temáticas: Artes Visuais, Música, Dança, Teatro e Artes Integradas (BRASIL, 2007).

No tocante a relação da Arte com a escola, Mödinger et al (2012) consideram que esta tem uma função social importante, pois é nesse espaço que o estudante tem a oportunidade de estabelecer um contato mais direto com inúmeras linguagens artísticas, sendo muitas vezes o único espaço em que uma relação mais direta com a arte acontece.

Desse modo, entendemos a Arte na escola como dispositivo de resistência. Resistência à maneira como esta fora, tantas vezes e de modo equivocado, compreendida unicamente como atividade lúdica. Sabemos, hoje, que a Arte deve comparecer ao espaço escolar com vislumbre à aprendizagem e à formação de sujeitos críticos e sensíveis a si, ao outro e ao mundo. Resistência à percepção dos estudantes acerca da Arte e do papel da mesma. É preciso que a escola propicie experiências de fruição e criação artística, de modo a encurtar as distâncias entre a Arte e a vida destes estudantes, e estimule os mesmos à superação de ideias pré concebidas como: “eu não sei fazer” e ou “não sou bom em arte”. Por fim, a Arte na escola assume um caráter de resistência às condições históricas e sociais pelas quais são atravessadas. Instituições com estruturas deficitárias, carência de recursos básicos, precarização do trabalho, fragilidades em seus contextos de formação inicial e continuada, são apenas alguns dos diversos desafios aos quais os docentes em Artes no Brasil resistem. E resistem, diríamos, “fazendo arte”, expressão popular muito comum nos estados do Nordeste do país, para se referir a crianças peraltas e suas travessuras.

Desse modo, acreditamos que, a presente pesquisa é, também, resistência, na medida em que se propõe não apenas a se juntar às reflexões acerca do papel da Arte na escola, bem como aponta um caminho possível para tal, valendo-se das construções extraídas de uma experiência em Arte Visual, mais especificamente o autorretrato, com estudantes do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Fortaleza-Ceará.

Nesse sentido, o livro didático possui um papel de auxiliar o professor trazendo as quatro linguagens artísticas, dentre elas temos as Artes Visuais, pois de acordo com o Documento Curricular Referencial de Fortaleza - DCRFor (2024, p.257) “a expressão visual constitui a principal interface de interação com a realidade e o principal meio para manifestação de subjetividades.”

Um conteúdo frequentemente encontrado nos livros didáticos é o autorretrato. Que por sua vez foi o tema norteador de muitos artistas, que encontraram um meio para expressar os seus sentimentos e consequentemente mostravam em suas obras as características da sociedade de sua época.

No livro Jornadas novos caminhos, componente curricular: Arte (Filho et. al, 2022), o tema autorretrato surge como uma possibilidade poética. Na parte de experimentação, que sugere uma atividade prática, consta como orientação ao professor, que por meio da atividade “trabalha-se o protagonismo do estudante ao incentivá-lo a explorar e recriar seu eu e se apresentar para a turma por meio de uma imagem repleta de escolhas simbólicas, capazes de organizar sentimentos e o pensamento acerca de si e da própria imagem.” (Filho et al, 2022, p.121).

Com isso, ao estudar esse conteúdo, nos surgiram os seguintes questionamentos: Como pode se desenvolver um processo artístico nas aulas de arte (do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental) por meio de autorretratos? Como transformar o espaço da sala de aula em um espaço criativo por meio desta manifestação de arte visual? Que desafios os profissionais podem encontrar? Quais as descobertas?

Tendo como base essas indagações, a ação investigativa teve como objetivo principal analisar o processo artístico da feitura do autorretrato, ao propor experiências criativas nas aulas de Arte com os alunos do 6º ano e 7º ano de uma escola municipal em Fortaleza-Ceará.

Além disso, a pesquisa propôs realizar uma apreciação estética, proporcionando reflexões aos alunos acerca de sua auto imagem, capacitando os estudantes para atividades de desenho, como também analisando o processo artístico.

Portanto, para que esses objetivos fossem alcançados, utilizamos como base a Abordagem Triangular para o Ensino de Arte disseminada pela pesquisadora e arte-educadora Ana Mae Barbosa: leitura das obras de arte, contextualização histórica e social das obras e produção artística própria (Barbosa, 2008).

2 O AUTORRETRATO E A ABORDAGEM TRIANGULAR

Na arte visual, em especial na pintura, há inúmeros gêneros, como o retrato, a paisagem, a natureza-morta, as pinturas históricas, pinturas abstratas, assim como existem variadas técnicas.

No que diz respeito ao retrato, foi no período do Renascimento que popularizou-se; o homem passou a ser o centro do universo, as imagens religiosas saíram de cena e os pintores passaram a representar o ser humano, como a icônica Mona Lisa de Leonardo da Vinci (1452-1519). O retrato era um sinal de status social, mais comumente visto naquela época entre a nobreza.

Outra forma de pintura é o autorretrato, segundo a pesquisadora Katia Canton na sua tese Auto-Retrato, Espelho do Artista:

Auto-retrato é uma forma de registro em que o modelo é o próprio artista. O retratado é quem se retrata. Na verdade, o auto-retrato sempre acompanhou o ser humano em seu desejo de deixar uma marca, de carimbar o mundo com sua presença, contrapondo-se à efemeridade da vida. Essa auto-representação foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo e dos contextos históricos. (2002, n.p)

O primeiro autorretrato conhecido na história da arte foi realizado na Idade Média, feito pelo artista italiano Giotto di Bondone (1267-1337) que, misturado a uma cena religiosa representou a si mesmo no juízo final na Cappella degli Scrovegni, em Pádua, Itália (Canton, 2011).

Ao longo da história da arte muitos artistas se destacaram com essa técnica, o primeiro pintor a realizar uma série de autorretratos foi Albrecht Durer (1471-1528), depois vieram outros como Rembrandt Harmenz Van Rijn (1609-1669). Rembrandt criou mais de cem autorretratos, entre pinturas, gravuras, desenhos e rabiscos, registrou nos quadros a sua passagem do tempo, de adolescente a fase adulta (Canton, 2002).

Dentre os artistas que usaram a técnica do autorretrato foram escolhidos três representantes para serem trabalhados na pesquisa: Van Gogh (1853-1890), Frida Kahlo (1907-1954) e Tarsila do Amaral (1886-1973).

O pintor holandês Vincent Van Gogh (1853-1890) revolucionou a forma de pintar com pinceladas rápidas e enérgicas, criando uma forma de fazer arte bem peculiar. Embora não tenha sido reconhecido no seu tempo, e muitas vezes ignorado por seus contemporâneos, influenciou posteriormente as principais correntes artísticas do século XX.

De acordo com a coleção grandes mestres da pintura - Vincent Van Gogh (2007, p. 06) “Embora o termo gênio seja, muitas vezes, utilizado de forma gratuita e discutível - o que é bastante evidente no universo das manifestações artísticas -, é totalmente merecido no caso de Vincent Van Gogh.”

O artista entrou para a história da arte ao produzir mais de trinta autorretratos, pois, pela ausência de modelos para pintar o artista comumente se retratava, para testar materiais e diferentes técnicas de pintura.

Nos auto-retratos que produziu, Van Gogh quase nunca se apresentou como pintor e deu a si uma surpreendente variedade de representações fisionômicas. Talvez pela imagem comumente de introspecção, contínua e mutante, que devia fazer sobre a própria aparência e seu estado de ânimo, o fato de se auto-retratar gerava grande motivação em Van Gogh. (Vincent Van Gogh, 2007, p. 58)

Os autorretratos do pintor eram um espelho do próprio artista, vê-se as suas fases, as suas influências artísticas, as suas emoções e sentimentos, muitas vezes turvos e turbulentos.

Além disso, a mexicana Frida Kahlo (1907-1954) traz em muitas de suas obras o seu rosto que com o tempo se transformou em uma imagem que representa força e representatividade feminina.

A sua vida foi marcada por tragédias, seu contato com a arte se estreitou quando estava bastante debilitada em decorrência de um acidente que sofreu, e seu pai comprou algumas tintas, telas e adaptou um cavalete para que pudesse passar o tempo pintando. Logo os seus desenhos se transformaram em um diário em forma de imagens, ora representavam as suas idas e vindas com o seu então marido, o pintor muralista Diego Rivera (1886-1957), ora traziam temas mais delicados como seus abortos e seus problemas constantes de saúde (Salgado, 2021).

Já no Brasil, Tarsila do Amaral (1886-1973) é um nome bem conhecido do modernismo brasileiro. Segundo Aranha e Acedo (2002) as suas obras trazem paisagens brasileiras, resultados de suas excursões pelo país, assim como cenas do carnaval carioca, marcadas por formas geométricas, de linhas curvas, retas e muita cor, representando a alegria e humor desse festejo. Depois de sua obra mais conhecida Abaporu (1928), a pintora desenhava paisagens que pareciam ter saído dos seus sonhos. Essa fase ficou conhecida como Antropofágica. O termo “Antropofagia Cultural”, que emerge com o movimento modernista de São Paulo foi cunhado por Oswald de Andrade, como explicam Moraes e Therrien (2018, s/n. p.):

No início da década de 1920, o Movimento Modernista brasileiro atribuiu à antropofagia uma dimensão cultural no sentido do alimentar-se de elementos artístico-culturais de diferentes povos, enriquecendo assim a própria produção artística. Um alimentar-se continuamente do outro, transformando a energia desse alimento em algo singular, referendando as peculiaridades da cultura local. Oswald de Andrade, um precursor da defesa dessa antropofagia cultural no Brasil, no período referenciado, prescreve, em seus célebres manifestos – o da Poesia Pau-Brasil (1924) e o Antropófago (1928) –, proposições para a criação de uma cultura brasileira liberta das amarras de tantas imposições europeias, não no sentido de negá-la, mas no de devorá-la, fortalecendo ainda mais a rica e diversa cultura nacional, fundamentada nas matrizes indígena, africana e europeia.

Nessa direção, em 1933, Tarsila pintou o quadro “Operários”, trazendo para a sua obra um contexto social; “[...] Tarsila não pintou apenas sonhos; pintou também a realidade. A dura realidade de muitos brasileiros, estampada nos rostos tristes e cansados desses operários” (Aranha; Acedo, 2002, p.20). No campo do autorretrato, Tarsila se retrata com toda a sua elegância, sempre maquiada.

Esse tema não é só comum entre os artistas e sim constantemente abordado nos livros didáticos de Arte. No livro *Jornadas novos caminhos, componente curricular: Arte (2022)*, o autorretrato é definido da seguinte forma:

No autorretrato, o artista pode contar sua história de vida ao recriar a própria imagem. As possibilidades poéticas de criação de autorretrato são amplas e permitem ao retratado refletir sobre como se vê e como quer ser visto pelos outros. Trata-se de um exercício de auto-observação e autoconhecimento, importante para os processos de criação. Na história da arte, muitos artistas produziram autorretratos e, por meio deles, é possível conhecer mais acerca de costumes e histórias de vida de um povo, uma pessoa ou uma época. (Filho et al, 2022, p.118)

Dentro dessa proposição didática, mostra-se a possibilidade dos alunos conhecerem novos artistas, novas obras e contextos históricos, assim como também possibilita a prática ao direcionar o educador para um momento de produção, em que cada estudante possa elaborar o próprio autorretrato.

Com esse conteúdo, o arte-educador pode trabalhar as três vértices da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2008), sendo que estas devem ser articuladas entre si e de modo não linear (Moraes, Rocha e Lima, 2020), sendo capaz de desenvolver no estudante a observação, a fantasia e a autonomia artística. Segundo Santos (2020, p. 87)

Essa articulação deve considerar que o fazer - primeiro momento - é importante, pois estimula o aprendiz a produzir criativamente; que o ver/apreciar - segundo momento - deve se responsabilizar por desenvolver a observação do aprendente em relação à apreciação de obras artísticas; a contextualização, por fim, deve valorizar o sentimento do estudante, dando-lhe condições de conhecer a história da arte, o que poderá despertar no apreciador a reinvenção, por ele mesmo, da obra.

Nesse contexto, no momento da fase da experimentação, o aluno poderá ter a oportunidade de produzir e ter a autonomia para desenvolver, por meio do desenho, a sua imaginação, a sua criatividade; é nesse momento que irá sozinho encarar a folha em branco com suas tantas possibilidades que estão guardadas ali, prontas para emergir com as linhas e traços. Nessa direção, de acordo com Mödinger et al (2012, p.34) “um dos aspectos relevantes do ensino das artes refere-se à produção artística e sua importância como expressão de ideias, movimentos, imagens, sons, sentimentos e subjetividades”.

A segunda vértice a ser trabalhada em sala de aula é a apreciação, fase essa na qual os estudantes poderão observar de uma outra forma as obras de arte. Não apenas as técnicas, mas também poderão perceber as emoções e os sentimentos representados.

Visto que, uma obra só se completa com o espectador, pois ele traz a sua interpretação a partir das suas vivências e suas experiências. Nesse sentido, ao trazer as obras de arte para a sala de aula, o

educador propõe uma educação visual ao estudante, partindo do pressuposto de que vivemos em um mundo repleto de estímulos visuais.

Aprendendo a ler as imagens, os alunos aprendem a ver o mundo que o cerca, passando a ter uma visão mais completa da realidade. Realidade essa que não lemos apenas textos, mas também uma pintura, uma apresentação de artes cênicas, uma coreografia, uma obra cinematográfica, uma melodia e tantas outras linguagens artísticas, ou seja, podemos ler informações não-verbais. (Alvarez; Barraca, 1997).

Ademais, com a apreciação, é possível identificar nos quadros os elementos básicos visuais: o ponto, a linha, textura, espaço e as cores. Com tudo, de acordo com Barbosa (2008, p. 81) “[...] compreender uma imagem implica ver construtivamente a articulação de seus elementos, suas tonalidades, suas linhas e volumes. Enfim, apreciá-la, na sua pluralidade de sentidos, sejam produções da Arte erudita, popular, internacional ou local [...]”

A terceira vértice a ser trabalhada pelo educador é a contextualização, nesse momento será possível conhecer o período histórico e o movimento artístico de cada obra, imaginando a motivação do artista a pintá-la, o subtexto da tela, tudo isso nos ajuda a interpretar a imagem.

3 METODOLOGIA

O estudo foi realizado numa escola pública situada em Fortaleza/CE, dentro das aulas de Arte do Ensino Fundamental II. Com o total de três turmas, sendo duas do 6º ano e uma do 7º ano. Dezenove estudantes do 7º ano participaram e; dos dois 6º anos, trinta e nove participaram. Ao todo foram cinquenta e oito trabalhos de autorretratos.

Essa pesquisa possui um cunho qualitativo, com elementos inspirados na pesquisa-ação, pois “[...] essa metodologia de pesquisa científica busca facilitar a resolução de problemas, a tomada de consciência ou a produção de conhecimento, através da ação coletiva das pessoas implicadas na investigação.” (Ferreira, Melo E Monte, 2021, p.118). Para isso, foi traçado um caminho metodológico que se baseou na abordagem triangular disseminado pela arte-educadora e pesquisadora brasileira Ana Mae Barbosa: o apreciar, o fazer e o contextualizar (2008).

Para seguir essa abordagem não há uma sequência feita pela educadora sobre qual eixo deve ser trabalhado primeiro, o profissional tem a liberdade de escolher o seu caminhar, contanto que articulem as três vértices, de modo que desperte e desenvolva a capacidade de percepção, de fantasia e de imaginação no discente (Santos, 2020).

A coleta de dados foi desenvolvida por meio da elaboração e avaliação dos trabalhos que foram feitos durante a realização das etapas da investigação-ação, contando com trabalhos finais de autorretratos e diálogos.

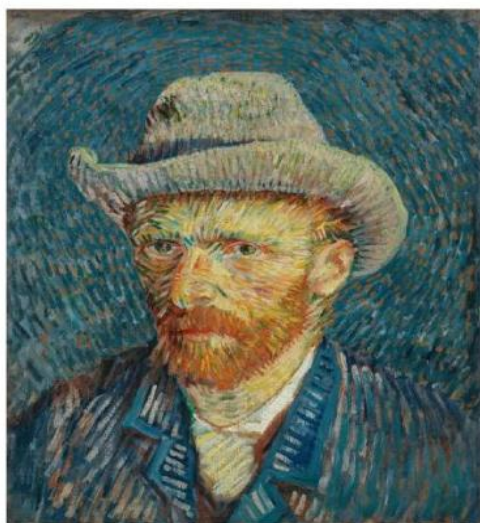
Para estabelecer um critério de inclusão dos sujeitos elencamos os alunos que estavam devidamente matriculados na escola e que frequentavam assiduamente a instituição. Dentre os trabalhos, alguns registros foram escolhidos para serem mencionados no artigo. Ficaram de fora desenhos incompletos, rasurados, amassados ou que não corresponderam à proposta da pesquisa.

A análise foi realizada durante quatro encontros, intitulados como Apreciação, contextualização e experimentação. No primeiro e segundo encontros, os estudantes apreciaram as obras de autorretratos de variados artistas, assim como conheceram os movimentos artísticos de cada uma delas. No terceiro e no quarto, foram feitas algumas perguntas para os estudantes, propondo uma auto-reflexão. Na parte de experimentação, os discentes produziram os seus autorretratos e em seguida houve uma conversa sobre as suas produções.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos dois encontros de apreciação e contextualização, os estudantes observaram as seguintes obras: *Van Gogh. Autorretrato com chapéu de feltro cinza (1888)*, *Tarsila do Amaral. Autorretrato I (1924)* e *Frida Kahlo. Eu e meus papagaios (1941)*.

Figura 1 - Van Gogh. Autorretrato com chapéu de feltro cinza (1888).



Fonte: Museu Van Gogh.

Figura 2 - Tarsila do Amaral. Autorretrato 1 (1924).



Fonte: acervo artístico-cultural dos palácios do governo do estado de São Paulo.

Figura 3 - Frida Kahlo. Eu e meus papagaios (1941).



Fonte: Frida Kahlo.org

Por meio das imagens, os alunos refletiram que, embora sejam pessoas diferentes retratadas, nota-se pontos comuns entre as obras, ou seja, características da técnica do autorretrato, como por exemplo, raramente o semblante do retratado está em momento de descontração ou felicidade, e também pode-se perceber o artista em cenas cotidianas, como gostaria de se mostrar ou o que gostam de fazer.

Ainda que as pinturas citadas acima sejam classificadas como uma arte figurativa, em que podemos visualizar imagens da realidade, podemos também encontrar exemplos de autorretratos que fogem à regra, com figuras geométricas, assim como alguns autorretratos de Pablo Picasso (1881-1973), podendo ser abstratos também.

Além disso, o autor Mödinger et al (2012, p.35) no livro *Práticas pedagógicas em Artes: espaço, tempo e corporeidade*, cita que:

[...] esta apreciação permite que os professores e alunos desenvolvam competências para ler não só a obra de arte, [...] mas também a sua realidade. [...] ao conhecer a produção artística de outros tempos e culturas, têm acesso à visão de mundo de outras épocas e outros povos. Cada indivíduo associa as produções artísticas às suas vivências anteriores, suas lembranças, memórias e aspectos próprios da sua cultura. Deste modo, ele constrói para si um acervo de conhecimentos que o torna participante e pertencente a um grupo, tendo nas artes uma de suas experiências mais importantes, esse processo pode gerar atitudes de valorização da produção artística, seja das artes já conhecidas e legitimadas, seja das artes populares.

No momento da apreciação, também foi proposto aos discentes que identificassem alguns elementos básicos visuais, como as linhas, a tonalidade das cores, as texturas, o plano de fundo e, em seguida, fizeram exercícios de desenho.

Van Gogh (1853-1890) foi o artista mais conhecido, alguns citaram o quadro A noite estrelada (1889) e já gostavam de suas pinturas, com Tarsila do Amaral (1886-1973) a maioria não a conhecia, mas um ou outro já tinham visto o quadro Abaporu (1928), quando foi a vez de Frida Kahlo (1907-1954), os alunos se envolveram na história da artista, seus dramas e seus amores.

No terceiro encontro, foi proposto aos estudantes três perguntas iniciais: Como me vejo? Como os meus amigos me veem? Como a minha família me vê?

Na pergunta “como me vejo?”, muitos se queixaram da indagação, dizendo que não sabiam o que escrever, no fim anotaram as suas características físicas, no geral, foram poucas linhas escritas.

Na pergunta: “como os meus amigos me veem?” - os estudantes perguntaram aos seus colegas de sala de aula. Foi uma pesquisa sobre a visão do outro. Um momento de compartilhar informações e estreitar os laços do convívio diário. Ocorreu de uma estudante pedir para ligar para a sua melhor amiga, alegando que só ela poderia responder. Outros disseram que gostariam de mandar mensagens para os seus amigos, mas quando começaram a pesquisa na sala, houve muita interação.

Na pergunta “como a minha família me vê”, alguns alunos disseram que não são queridos pelos familiares, escrevendo frases do tipo “minha família me vê como uma preguiçosa”.

Essas perguntas foram feitas antes do momento de experimentação, no intuito de sugerir que os alunos fizessem um momento de auto-reflexão, pois os autorretratos também podem ser registros escritos, diários, descrições subjetivas de nós mesmos, de formas poéticas.

No final, os educandos puderam perceber três visões diferentes, sendo que a primeira, a visão de si mesmos, a segunda, dos colegas e a última, da família, que exerce um papel fundamental na educação do estudante. Três percepções que não coincidiram entre si.

Por fim, no quarto encontro da realização da pesquisa foi organizada a atividade prática dos autorretratos.

Além de folhas em branco e lápis de cores, outros materiais também foram permitidos, como por exemplo espelho de bolso, ou o uso da câmera do celular, já que uma *selfie*, recurso muito utilizado pelos adolescentes, se originou da palavra *self-portrait*, que significa autorretrato.

As novas tecnologias também podem ser usadas a favor da educação, trazendo uma proximidade com ferramentas que os jovens já utilizam, fazendo com que se interessem pela atividade.

No mundo digital cercado pela tecnologia, comumente criamos perfis em redes sociais e sempre tentamos nos representar da melhor forma possível, usando mecanismos como filtros, para melhorar a aparência da imagem, assim como editores para ajustar a luz e as cores. Mas será que de fato compartilhamos uma imagem real do que somos? De acordo com Bodgan e Biklen (1994, p. 57):

O *self* não é visto como residindo no interior do indivíduo, como um ego ou um conjunto organizado de necessidades, motivações e normas ou volumes interiores. O *self* é a definição que as pessoas constroem (através da interação ou com os outros) sobre quem são. Ao construir ou definir o *self*, as pessoas tentam ver-se como os outros as vêem, interpretando os gestos e as ações que lhes são dirigidas e colocando-se no papel da outra pessoa. Resumindo, as pessoas acabam por se ver, parcialmente, como as outras as vêem.

Ainda segundo o autor, o *self* também é concebido como uma construção social, por meio do processo de interação entre os indivíduos no meio em que vivem.

Alguns trabalhos de autorretratos foram escolhidos para serem analisados na pesquisa, como vemos a seguir.

Figura 4 – Autorretrato de aluna 6º ano (2024).



Fonte: acervo pessoal da professora

Na figura acima percebemos um clássico autorretrato, a estudante se retratou da mesma forma que estava, com a farda da prefeitura de Fortaleza, fez o contorno do desenho com a caneta, para destacar as cores, e optou por não pintar os cabelos, deixando espaços em branco, que podemos mesmo assim entender que os fios são ondulados. Um rosto tímido, sem muita expressão, como se de fato tivesse acabado de tirar uma 3X4.

Figura 5 – Autorretrato de aluna 7º ano (2024).

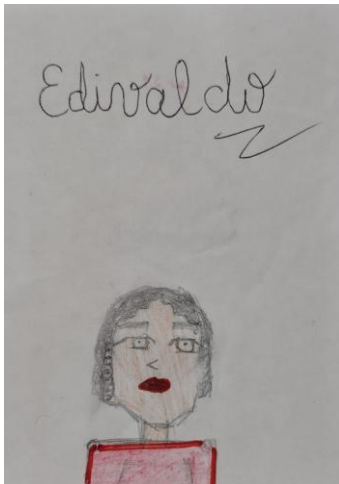


Fonte: acervo pessoal da professora.

Depois da produção dessa atividade artística, perguntada sobre o curioso fato de também desenhar no seu autorretrato uma outra figura, a estudante argumentou que o desenho é de sua irmã, que gosta muito de sua companhia e que as duas ficam juntas na maioria das vezes. Percebe-se na

imagem corações, demonstrando afeto. Mesmo com a figura da irmã compartilhando o mesmo espaço, há diferença entre ambas, de estilo de se vestir, de aparência, altura e idade.

Figura 6 - Autorretrato de aluno 6º ano (2024).



Fonte: acervo pessoal da professora.

Na imagem representada, fruto do processo criativo do estudante, pode-se observar que a forma que se ilustrou, era diferente do que via-se na sala de aula, pois o aluno não usava batom e possuía o cabelo diferente. Ao perguntá-lo sobre o desenvolvimento da atividade, ele respondeu: “tia, essa imagem é quando estou montado”, ou seja, travestido em seu sexo oposto. Ele expressou o seu íntimo, projetando como se identifica visualmente.

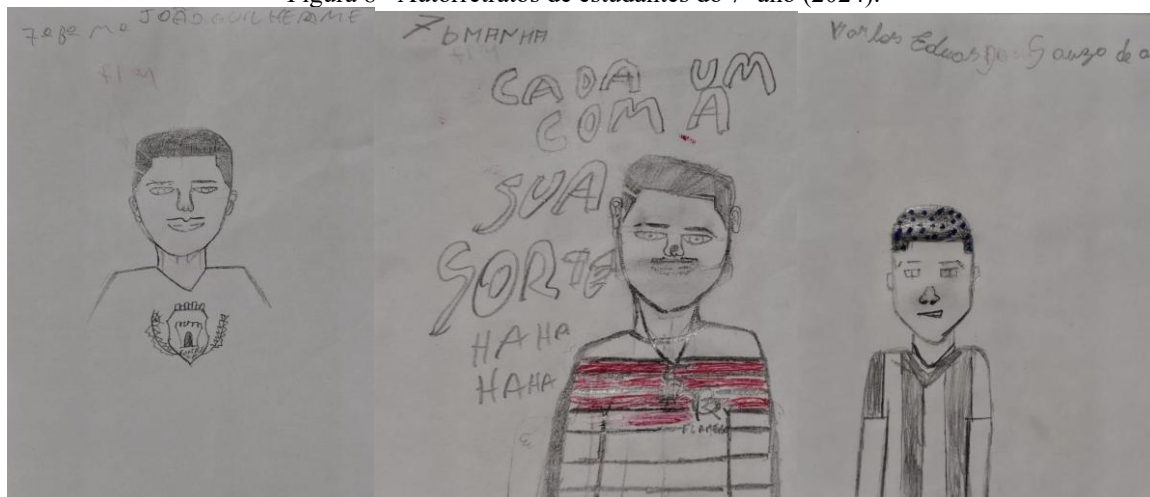
Figura 7 - Autorretrato de aluna 6º ano. (2024)



Fonte: acervo pessoal da professora.

A auto identificação também pode ser mágica, como é o caso da aluna que se representou como uma princesa, com um vestido longo, luvas, colares e uma coroa. O autorretrato como um corpo que fantasia.

Figura 8 - Autorretratos de estudantes do 7º ano (2024).



Fonte: acervo pessoal da professora.

Nas imagens representadas dos educandos do sétimo ano, principalmente os meninos, pode-se observar um padrão estético, mesmo que as imagens não representassem fielmente a realidade. Um mesmo corte de cabelo, luzes, risco na sobrancelha, cordões de ouro, muitas camisas de time de futebol ou de grandes marcas, e um bigode já bem desenhado. Um rascunho de um amadurecimento físico. De acordo com a pesquisadora Cíntia Maria (2011, p. 184):

Representar, desenhar a si mesmo sempre foi uma maneira de adentrar no mundo. Por esse motivo, a representação da figura humana, [...] é de vital importância para a compreensão da própria representação e para que possamos entender o processo de construção da visão de mundo da criança, como essa se percebe em relação à realidade e em relação a si mesmo.

Portanto, o processo de representação da figura humana, ao longo da humanidade é uma forma de se auto perceber, de criar uma relação com o mundo e com os outros, partindo da própria identidade. Percebendo-se enquanto pessoa, na representação de suas características ou o que pode imaginar para si mesmo, projetando a sua idealização, em cima do seu retrato, ou até mesmo reproduzindo um perfil visual comumente encontrado em sua comunidade ou rede social.

4 CONCLUSÃO

Na averiguação de todo o processo pedagógico e análise das produções estéticas - os autorretratos - pode-se perceber que os estudantes apreciam a prática artística, gostam do momento da

ação, de interagir e compartilhar opiniões, assim como se concentram em movimentos mais delicados do desenho. Os estudantes foram muito além de uma representação de um homem palito, com braços e pernas de linhas finas; ao contrário, muitos fizeram esboços, apagavam e refaziam, queriam entregar o seu melhor.

Por meio da pesquisa foram encontradas algumas dificuldades, como a escassez de matérias, folhas, lápis de cores, em muitas escolas a gestão vê com maus olhos quando o arte-educador solicita esses recursos.

Muitas vezes pela falta de materiais nas escolas, o professor acaba arcando com as despesas. Para se fazer uma atividade prática de artes visuais precisa-se de materiais. Com o uso contínuo e sem reposição, os poucos que existem, como lápis de cores e canetinhas, passam de sala em sala e acabam desgastados, quebrados. Além disso, a falta de qualidade desses objetos também atrapalha o processo de ensino.

Outro desafio encontrado é o tempo do professor de Arte: uma hora aula em cada turma, muitas vezes tem feriado ou provas diagnósticas que caem no mesmo dia. Por isso, um elemento importante a ser pensado nas aulas é a organização do tempo. O planejamento é fundamental, visto que, para uma ação artística, pressupõe-se um momento de qualidade, não somente uma “sobra de tempo”, pois isso tende a acabar tornando a prática artística algo inferior.

Para o encerramento desta investigação, foi planejado a realização de uma exposição, todavia, por alguns percalços no cotidiano escolar a mesma não aconteceu, ficando para uma próxima oportunidade.

Dentro do que foi proposto, o estudo conseguiu contemplar o que almejava, analisou o processo de criação dos autorretratos pela ótica da abordagem triangular (BARBOSA, 2008). No quesito apreciação, os estudantes conheceram novos artistas e obras, enriquecendo as suas bagagens culturais; na contextualização, conheceram um pouco da biografia e contextos históricos de cada artista selecionado e as suas particularidades. No que diz respeito à produção, a maioria dos alunos da turma participou da atividade prática.

No final do processo, os estudantes trouxeram reflexões sobre suas imagens, houve uma roda de conversa sobre o tema autorretrato e suas implicações. A investigação buscou contribuir para a pesquisa em Arte, podendo se tornar subsídio teórico e metodológico a outros profissionais docentes, proporcionando a ampliação de repertório para uma atividade significativa em Arte.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ – e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, pelo apoio às nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Denise; BARRACA, Renato. Introdução à comunicação e artes. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1997.

ANDRADE. Oswald. O Manifesto Poesia Pau-Brasil. São Paulo. In: Jornal Correio da Manhã, março, 1924.

ANDRADE. Oswald. Manifesto Antropófago. In: Revista de Antropofagia. Piratininga, ano I, nº 1. Maio, 1928.

ARANHA, Cecília; ACEDO, Rosane. Encontro com Tarsila. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2002.

MORAES, A. C., ROCHA, M. S., & LIMA, J. M. A. X. Ensino de arte com base na abordagem triangular: a fotografia em foco. Educação Em Foco, 23(41), 33–53. 2020.
<<https://doi.org/10.24934/eef.v23i41.4750>>. Acesso em: 7 jul. 2025.

MORAES, A. C., Jacques Therrien. Pedagogia antropofágica no aprofundamento do repertório de saberes culturais de estudantes de pedagogia e seus professores. EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 46, p. 53-69, mai./ago. 2018.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 6 jun.2025.

BOGDAN, R.C; BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CANTON, Kátia. Pintura aventura. São Paulo: Farol literário, 2011.

DCRFor Documento Curricular Referencial de Fortaleza: incluir, educar e transformar (DCRFor); v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2024.

DERDYK, E. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1990.

FERP, UGB; OLIVEIRA, Luana. Autorretrato: Frida Kahlo E A Arte De Se Ver. Simpósio, [S.l.], n. 5, out. 2017. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/simposio/article/view/597>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

FILHO, Celso Melo et al. Jornadas novos caminhos, componente curricular: Arte. 8º ano. 1. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022.

FRIDA KAHLO. Disponível em: <<https://www.fridakahlo.org/me-and-my-parrots.jsp>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

HONÓRIO, Maria Cintia. Arte & Caminhos: metodologia ensino fundamental, 1º ao 5º ano. Curitiba: SEFE, 2011.

MÖDINGER, Carlos Roberto et al. Práticas pedagógicas em Artes: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

MONTEIRO, C. Katia. Auto-retrato, espelho de artista. 2002. Tese (teoria e crítica de Artes) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/27/tde-24052019-154012/pt-br.php>>. Acesso em: 30 mai. 2025.

NUNES, C. B. J; FARIAS de S. M; NÓBREGA-TERRIEN, M.S. (Org.). Pesquisa científica para iniciantes: retomando o debate. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.

SALGADO, Mônica R. A. B. O diário de Frida Kahlo em Questão: entre o autorretrato e a memória coletiva. Monografia (Artes visuais - bacharelado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/9409>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SANTOS, Deribaldo. Arte-educação, estética e formação humana. Maceió: Coletivo Veredas, 2020.

VINCENT VAN GOGH, coleção grandes mestres da pintura. Folha de São Paulo (org.). Barueri, SP: Editorial Sol 90, 2007.